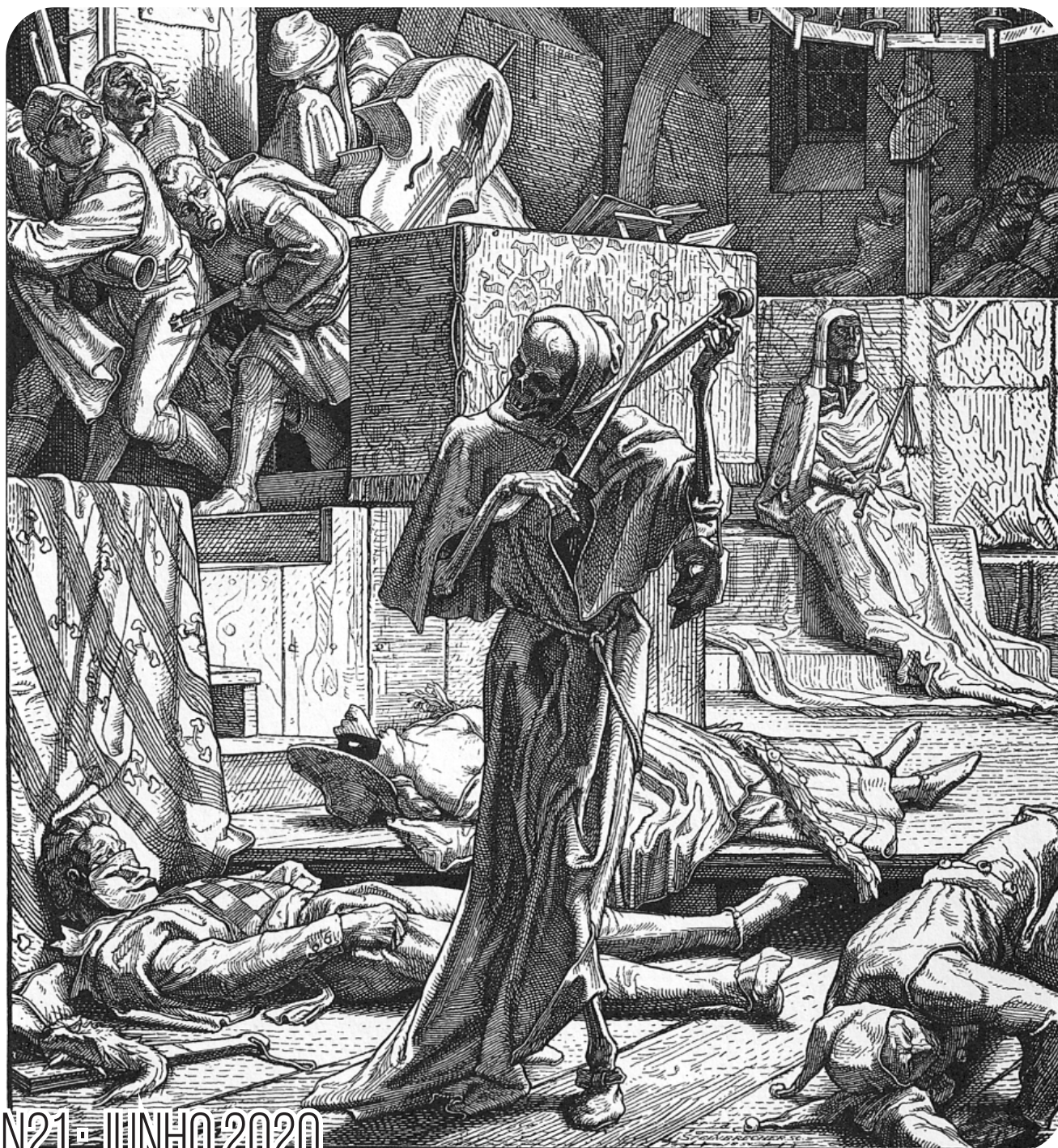


nordês

PERIÓDICO ANARQUISTA

UMHA COLABORAÇOM ENTRE
ARDORA (S)EDIÇONS ANARQUISTAS
E COLAPSO ZINES



N21 - JUNHO 2020

INFERNO OU UTOPIA?

AI PASTORA, QUANTO TE
ESTRANHAMOS!

SOLIDARIEDADE
COM AS PRISIONEIRAS
ANARQUISTAS DE LONGA
PENA DE PRISOM

INFERNO OU UTOPIA?

FINIMONDO

É um de tantos escritos que apareceram perto da comisaria da polícia do terceiro distrito de Minneapolis, aquela que se voltou fume na noite do 28 ao 29 de Maio durante o motim causado polo assassinato de George Floyd. Nom é um slogan, nom é um apelo, nom é sequer um grito de guerra. Fomentar e excitar os ânimos já o pensara -o pensa normalmente- o braço armado da autoridade, com a sua brutal arrogância. Nom, esse verso escrito suscita umha questom. Nom dirige umha pergunta ao inimigo (como o sarcástico “estás a ouvir-nos agora?”), fai a àqueles que saírom a rua umha pergunta para reflexionar: cara o inferno ou cara a utopia? Qual é o sentido de tanta raiva e fúria? Que se pretende alcançar? Ir o inferno, o da reprodução social, ou dar vida à utopia, a algo que é todo menos leis a obedecer, bens a comprar, papéis a desempenhar, dinheiro a acumular, governos a eleger e a delegar?

Há quem pensa que se trata dumha questom inútil que será resolta por si mesma, ultrapassada pola própria força dos acontecimentos, e que a demora em

tomá-la em consideração apenas desperdiça tempo precioso que, vice-versa, deveria ser utilizado para resolver problemas de organização imediatos. Determinismo conveniente que alivia a acção, aliviando-a do cansaço do pensamento, e permite seguir mais rapidamente a corrente triunfante da História (“sem tantos tumbos”) - em vez de esforçar-nos por crear e realizar a nossa própria história.

Sem embargo, os incêndios prendidos em Minneapolis durante essas noites som esclarecedores neste sentido. Semelha, de facto, segundo várias declarações (inclusive aquelas nom suspeitosas de conspiração) que alguns desses incêndios foram provocados por extremistas de direita. Se isto fora verdade, a suspeita recairia sobre aqueles que pertencem ao que é agora definido nos Estados Unidos como o “movimento boogaloo”, umha amálgama que reúne polo geral aqueles que gostam de aparecer em público armados até aos dentes e lançar proclamas incendiárias contra a política governamental. Ainda que há diferentes matices dentro deles, os extremistas boogaloo som na sua maioria supremacistas, milicianos, tolos polas armas, “sobreviventes”... Todas as pessoas que nom escondem a sua intenção de desencadear umha Segunda Guerra Civil capaz de limpar as ruas da escumalha e estabelecer um “verdadeiro governo americano”.

Dira-se que se trata de puro folclorismo, dum espectáculo mediático sombrio que, por vezes, pode até escapar à representação e assumir formas materiais perigosas -matar um manifestante em Charlottesville em 2017, por exemplo- mas que, por si só, nom constitui umha verdadeira ameaça social. Talvez sim, mas... nom se poderia dizer o mesmo de qualquer revolta negra? O final, somos nós que argumentamos que, em determinadas circunstâncias, o que parece impossível em tempos de normalidade se torna acessível. Pensamos realmente que somos os únicos em observar como umha pequena faísca é suficiente para causar um grande incêndio, ou como o fim da paz social pode abrir inu-

meráveis possibilidades de questionar este mundo?

Nom, claro que nom. E entom, que fazemos para evitar preocupaçõs que entravariam as nossas açõs, tranquilizar-nos repetindo que a situação evoluirá necessariamente da forma que nos convém? Nom o pensamos. Pior ainda, já que moitos instintos básicos som moito mais fáceis de provar, partilhar e cumprir em comparação com raros altos ideais, é moi provável que, se em tempos de convulsom nos deixássemos simplesmente levar polo vento, acabássemos directamente no inferno -e nom na utopia.

Colhamos por exemplo a revolta que irrompiu nas últimas semanas nos Estados Unidos. Nom é o resultado da convergência estratégica de vários movimentos de loita, cada um cumha longa história nas costas e umha bandeira razoável para ondear sobre as suas cabeças, que virom as suas fileiras aumentar até o ponto de decidir dar juntas um golpe ao poder. É a deflagração imprevista causada por umha fásca num ambiente sobrecarregado com tensom de todo o tipo. Colheu a todos por surpresa e um pouco todos tentaram tirar partido disso (incluindo inquilinos, antigos inquilinos e pretendentes a inquilinos da Casa Branca). Como um tornado, tornou-se cada vez mais poderoso dia tras dia mutando a umha velocidade impressionante. Para evitar que o abrume todo, e à espera de que esgote a sua força, as autoridades mais preocupadas pola manutenção da paz social foram obrigadas a correr para por-se a coberto anunciando reformas de grande alcance (em Minneapolis o desmantelamento do departamento da polícia local, em Nova Iorque a penalização do agarre de pescoço).

Manobra desesperada frustrada polos assassinatos a goteo cometidos nesse país por agentes da polícia, o último dos quais ocorreu na noite do 12 de Junho, há duas noites, quando outro homem negro foi assassinado em Atlanta durante um control de patrulha. O seu nome era Rayshard Brooks e a sua terrível culpa foi dormir no seu carro no aparcadoiro dum restaurante de fast-food, para grande disgusto do proprietário do restaurante que pediu a intervençom da polícia. Agora

esse proprietário já nom terá preocupaçõs semelhantes: o seu comércio de merda foi incendiado ontem à noite, durante um protesto que registou mais de trinta detençõs. Ao princípio os oficiais justificaram-se dizendo que Brooks se rebelara contra o arresto, ameaçando-os com o seu próprio taser que lhes roubara durante a discussom. Mas depois o enésimo vídeo o negou descaradamente, mostrando como um deles lhe disparou polas costas mentres tentava fugir. O agente que disparou foi imediatamente despedido e o chefe da polícia de Atlanta demitiu imediatamente co fim de “restaurar a confiança na comunidade”, mas é óbvio que essa confiança se perde para sempre. Convertindo-se literalmente em fume.

O escritor negro James Baldwin dixera que “o impossível é o mínimo que se pode pedir”. Após o assassinato de George Floyd no espaço de poucos dias, multidudes em todos os Estados Unidos passaram dumha exigência compreensível, como a detençom dos polícias responsáveis pola sua morte, a umha exigência hiperbólica, como a aboliçom da polícia. Trata-se dumha exigência radical, excelente para provocar umha batalha (como descobriu o alcalde de Minneapolis, que foi insultado e afastado dumha reuniom pública por negar-se a apoiá-la). Mas se polo feito de ser repetida torna-se consequente -já nom é umha provocação momentânea para abrir hostilidades, senom um objectivo a alcançar- onde levaria tal reivindicação? Ao inferno dumha segurança cuja garantia disputara-se entre grupos de autodefesa (modelo da esquerda, os Asayish curdos) e movimentos de milícias (modelo da direita, os U.S. Oath Keepers), ou à utopia dumha liberdade que nom oferece ningumha garantia, ningumha segurança, e onde depende de cada um cuidar de si mesmo, daqueles que ama, daqueles a quem se sente próximo? Por outra banda, a que nova autoridade devemos confiar a tarefa de decretar esta aboliçom? O próprio autor de *The Fire Next Time* recordou que “a liberdade nom é algo que se poida dar; um toma a liberdade, e cada um é tam livre como queira selo”. Assim que o impossível é o mínimo que se

terminaremos por associar a solução de uma crise com o desaparecimento

de direitos.

Imporá-se um reflexo condicionado unindo o “estado de alarme” ao bem-estar social em tempos de emergência

pode pedir, mas apenas porque -sendo umha demanda inaceitável- permite que se deixe de pedir e ponher fim às negociaçõs.

Que os políticos tentem manejar a revolta, que em meio dela se poida atopar qualquer cousa, nom pode surprender a ninguém. Mas isso nom significa permanecer indiferentes. Os políticos devem ser expulsados, nom importa as reformas que introduzam, quantas demissons exijam, que regras de enfrentamento modifiquem. Os militantes autoritários devem ser neutralizados, sem importar as suas intençõs. No velho continente, a diferença entre autoridade e liberdade nom desaparece nas composiçõs “anti-capitalistas”, assim como num mundo novo nom desaparece nas composiçõs “anti-governamentais”.

Inferno ou utopia -ou um ou outro. Ignorá-los ou confundi-los significa ter a máxima possibilidade de acabar arrestado amanhã por tentar vender um bilhete de 20 dólares, mas com a imagem da escrava rebelde negra Harriet Tubman em vez do presidente escravista branco Andrew Jackson.

AI PASTORA, QUANTO TE ESTRANHAMOS!

ROBINJUZ

Há agora pouco mais de um ano foi-se umha pessoa mui grande. A mais grande. Pastora, nai biológica de Xosé Tarrío e adoptiva de todo o movimento anticarcerário galego (e do mundo inteiro) deixou-nos orfxs a todxs. Incombustível luitadora de personalidade abrumadora, libertária por intuíçom e rebelde por vocaçom, oradora incansável, a desaparixom desta grandiosa mulher de verborreia e coraçóm tam grande como apaixonado, deixa na Galiza (e no mundo) umha ausência impossível de substituir. Com ela caiu um dos alicerces em que se cimentava todo o movimento antirrepresivo destas verdes terras galaicas. A sua força, o seu empuxe e a sua paixom marcárom de forma indelével mais de umha geraçom. O seu sorriso, imenso, profundo e sincero foi como um bálsamo nos momentos difíceis. As suas gargalhadas, cristalinas e espontâneas, nom só pugérom música alegre à nossa luta libertária, senom que figérom tremer os muros dos centros penitenciários.

Nós conhecemo-la há mais de duas décadas, quando o seu filho Xosé Tarrío ainda nom saíra do talego e apenas acabava de sacar o seu livro de irredutíveis vivências carcerárias. Daquela ela militava, junto com Pepita (outro referente irrepitível), num coletivo chamado “Nais em Loita”, sempre em protestas e manifestaçoms. Ao pouco começamos a realizar as marchas à prisom de Teixeira, nas quais logo se converteria numha personagem imprescindível: muitas vezes aferrada ao altofalante, ou disparando atronadores refachos de incendiários discursos desde a megafonia do carro. Por aqueles tempos foi quando começou a chamar-nos “os meus rapazes”, apelativo que nunca perderíamos, nem agora que há tempo que já penteamos os cabelos brancos. E é que aquelas ovelhas negras, aos poucos, estamos tornando grises. Cousas da vida.

Depois foi quando Xosé saiu do cárcere. Nom me estenderei muito a respeito disso, já o figem noutras occasions, mas basta dizer que nos deixou um sabor amargo na boca quando finalmente morreu. Depois de quinze anos encerrado nom soubo adaptarse

à vida da rua. E os de fora nom soubemos comprendé-lo nem axudá-lo (seica tampouco nom pioramos todo). Voltou consumir droga, voltou ao cárcere e finalmente o monstro inumano devorador de carne e sonhos terminou por assassiná-lo. Se para nós aquilo foi um pau, para Pastora foi um punhal de gelo atravessado no seu gigantesco coração que a acompanharia até o derradeiro dia da sua vida. Afortunadamente soubo converter a sua dor em raiva e arremeteu com a força de um vendaval contra a instituiçom assassina que tam cruelmente lhe arrebatara o querido fruto das suas entranhas. A luta contra as prisons converteu-se a partir desse intre no seu único e apaixonado leitmotiv, na razom mesma da sua existência. Houvo um tempo em que pensei que aquela luta nom lhe fazia bem: que a lembrança constante do seu drama existencial em charlas e palestras, em protestas e manifestaçoms, nom a deixava repor-se; que lhe impediam superá-lo. Mas assim se afastava de todo esse mundo, do nosso mundo, faltava-lhe algo, nom estava completa. A luta converteu-se numha parte imprescindível da vida daquela mulher incansável. Ao fim e

ao cabo ela lutou desde o dia que nasceu e nom deixaria de fazê-lo até o dia da sua morte. Disso já há um ano.

De procedência humilde, rebelde por natureza, soubo fazer da sua dor um martelo e umha bandeira. Fijo do ataque ao sistema carcerário o motivo da sua existência. Irradiando força e humanidade, convertiu-se num revulsivo perante o abuso e a autoridade. Foi o melhor altofalante dos enterrados vivos, os presos, silenciados pola injustiça estrutural do capitalismo despiadado. O seu discurso potente e apaixonado conseguiu derrubar os muros de impunidade para iluminar umha e outra vez as novas geraçons de luitadorxs libertárixs. A nai coragem, o referente definitivo perante a crueldade da instituição do encerro... Mas ademais, para xs seus amigxs, foi umha companheira de coração de ouro. Queria-nos, defendia-nos e reganhava-nos como o que era: a nossa nai na luta.

Ai Patora! Nom sabes o orfos que nos deixache. Neste ano fatídico cheio de mortes e desgraças a tua foi umha

perda irreparável. Eras um carvalho, umha montanha, umha roca grande e firme baixo a que acubilharse. Eras à vez um bálsamo para xs teus amigxs e o irredento flagelo de quem abusava da sua autoridade. Foi marchar tu e todo semelha desmoronar-se; como se fosses a argamasa que unía o nosso pequeno desafio contestatário. Como se contigo marchasse a cordura e o entendimento dxs libertárixs autónomxs galegxs. Ai Pastora, quanto te estranhámos!

Já nom será o mesmo a luta anticarcerária na Galiza e no mundo inteiro. Afundiu-se um dos mais firmes alicerces que sustinha os nossos sonhos. Agora os teus restos descansam junto com os de Xosé, entre o océano bravo e o verdor selvagem da nossa Galiza marinheira. A tua lembrança continuará latejando nos coraçõs de quem te conhecemos, mas o teu espírito ingovernável vivirá por sempre na luta eterna contra a injustiça e a opressom. Ai Pastora... quanto te estranharemos!

Um dos teus rapazes

A luta converteu-se numha parte imprescindível da vida daquela mulher incansável.

Ao fim e ao cabo ela lutou desde o dia que nasceu e nom deixaria de fazê-lo até o dia da sua morte. Disso já há um ano.



11 DE JUNHO DE 2020: DIA INTERNACIONAL DA SOLIDARIEDADE COM AS PRISIONEIRAS ANARQUISTAS DE LONGA PENA DE PRISOM

JUNE11.NOBLOGS.ORG

Som já 16 anos em que cada 11 de junho facilitou-se o apoio e a ação, inspirada por anarquistas presas, que foi desde manifestações fora das prisões, até noites para escrever cartas, de recolhida de fundos a sabotagens. Marcar esse dia no calendário é uma maneira de lembrar os anarquistas que cumprem longas penas de prisão, gerando apoio e inspirando ações de solidariedade.

Porque as lutas sociais modificam-se com o tempo, esse dia é uma maneira de garantir que os nossos companheiros presos não sejam esquecidos. O dia 11 de junho é uma maneira de combater a amnésia, de tentar sustentar uma memória de longo prazo no movimento anarquista. 11 de junho é um dia contra o esquecimento.

O contexto este ano é que as nossas vidas foram arrancadas da normalidade. Um momento assustador, mas também um momento de inovação.

Embora as chamadas para a libertação de pessoas das cadeias, prisões e instalações de detenção CIES du-

rante a pandemia estejam crescendo cada vez mais e tendo algum sucesso, é provável que muitos dos nomes de nossos companheiros não estejam na lista para libertação antecipada. Seja devido a identidades marginalizadas, aprimoramentos de terrorismo, uma tendência ao enfrentamento com guardas e administração penitenciária, ou apenas por ser abertamente anarquista, traduz-se em que as suas longas sentenças e os já abomináveis cuidados com a saúde e maus-tratos poderiam ter consequências ainda piores.

A nossa nova vida diária e as nossas respostas à pandemia podem levar consigo a memória e o apoio aos anarquistas presos. Onde trabalhamos menos horas, podemos escrever mais cartas. Onde os nossos filhos agora estão a aprender na casa, podemos incluir os nomes dos presos em lições sobre coragem e repressão estatal. Onde nos entregamos a projetos de ajuda mútua, podemos inspirar-nos nos nossos companheiros e invocarmos as suas contribuições e lembranças.

No ano passado, Connor Stevens, do *Cleveland 4*, todos os membros res-

tantes do grupo de guerrilha urbana *Conspiração das Células do Lume* na Grécia, e Tamara Sol, em Chile, foram libertados da prisão.

Eric King ainda está em isolamento e agora enfrenta uma acusação de 20 anos relacionada às ações de autodefesa que tomou em 2018. A sua equipa de suporte iniciou um fundo de defesa legal e seu advogado apresentou uma moção em março para uma audiência relacionada com o abuso contra ele.

Anna Beniamino iniciou uma greve de fome contra condições especialmente repressivas da prisão em maio de 2019. Alfredo Cospito e outros anarquistas presos na Itália mais tarde juntaram-se a essa greve de fome. Alfredo relatou ter problemas de saúde relacionados à greve.

Michael Kimble foi posto em solitário após defender um prisioneiro de ser golpeado por guardas. Em fevereiro, ele e sua equipa de suporte lançaram uma campanha de arrecadação de fundos para um advogado com o fim de revogar a sua condenação. Jeremy Hammond foi chamado em outubro para testemunhar no mesmo

grande júri que prendeu novamente a Chelsea Manning. Ambos recusárom testemunhar. Em março, Jeremy foi libertado da acusação de desobediência por conclusom do júri e foi devolto ao sistema penitenciário federal.

Lisa, do caso do assalto bancário em Aachen, na Alemanha, foi recentemente impedida por um magistrado de poder sair da prisom nos fins de semana e durante o dia.

Assim que os membros das luitas dos anos 60 e 70 completam as suas sentenças, e que partidários mais jovens de luitas recentes emergem depois de períodos mais curtos na prisom, podemos conectar-nos com eles em relações que enriquecem mutuamente. Os desafios de ser libertado da prisom podem ser mitigados por umha forte comunidade de apoio, essas comunidades de apoio podem aprofundar nas suas próprias compreensões da prisom através da interação direta com ex-prisioneiros. Essas relações podem fortalecer a cada um dos seus participantes e expandir-se além, na forma de novos projetos e iniciativas para libertar aqueles que ainda som mantidos em cativo.

Um aspecto importante e muitas vezes negligenciado do apoio aos presos é a ajuda às famílias das pessoas presas. Os membros da família – muitas vezes constituindo a base primária ou única de apoio de um prisioneiro – suportam as dificuldades emocionais, financeiras e mentais de ver os seus seres queridos atrás os barrotes. Os custos exorbitantes do economato, ligações telefônicas e visitas, pressionam indevidamente aqueles que, na maioria dos casos, já estão a lutar para conseguir sobreviver. A atomização social, que deixa muitos de nós perdidos, pode ser um inferno para aquelas pessoas cujos companheiros íntimos fôrom sequestrados polo Estado e que nom temem comunidades de apoio. Essas luitas continuam depois de que os prisioneiros sejam libertados, com amigos e familiares tentando encontrar emprego, lugares para morar, ajudar em liberdade condicional ou outras formas de detenção difusa etc. O Projeto FANG fornece fundos de viagem para as famílias e amigos de prisioneiros em favor da libertação animal e da terra, permitindo que visitem os seus seres queridos presos. O *Rosenberg Fund for*

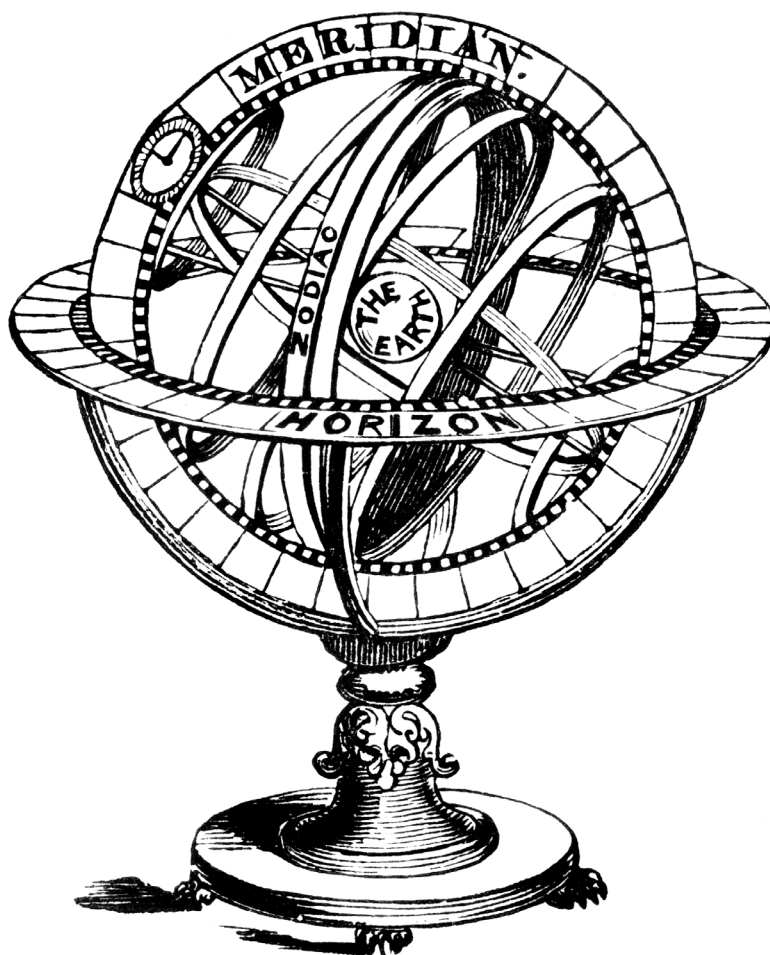
Children fornece ajuda aos filhos de ativistas atacados polo Estado.

Além de apoiar esses projetos, incentivamos os anarquistas a estabelecer relações com as famílias dos prisioneiros anarquistas: alguns podem nom partilhar as nossas ideias (embora muitos o fagam!). Mas partilham o nosso desejo de verem os seus seres queridos presos sobreviver e prosperar.

No tempo de crise em que estamos a viver somos cada vez menos capazes de escapar de questões como, por exemplo, a forma de vida, quais relacionamentos criamos e que mundos queremos habitar. Por um lado, há um poder estatal a cada vez maior, a escravidão do indivíduo ao sistema tecnológico e a soidade caótica da vida moderna. Por outro lado, existem possibilidades difíceis e complexas de caminhos de vida descentralizados, nos quais liberdade individual e alegrias partilhadas misturam-se numha alquimia que afirma ambos. Os nossos laços, temperados ao longo de anos vivendo e lutando juntos, podem provar o ponto de partida para essas novas formas de existência. Aquelles que estão por

trás das reixas – que mantivemos presentes nas nossas hortas e passeios polo monte, nas melodias das nossas músicas e na adrenalina do nosso trabalho noturno – fam parte do novo mundo que esperamos. Nom vamos esquecer-los nem por um momento.

*No tempo de crise
em que estamos a
viver somos cada
vez menos capazes
de escapar de
questões como, por
exemplo, a forma
de vida, quais
relacionamentos
criamos e que
mundos queremos
habitar.*



ATUALIZAÇÕES SOBRE O COMPANHEIRO ANARQUISTA GABRIEL POMBO DA SILVA

Na quinta-feira 11 de junho a Audiência Provincial, o tribunal que está à base da pirâmide judiciária no Estado Espanhol, demonstrou o seu poder inquisitorial recusando a petição de nulidade da OEDE (Ordem Europeia de Detenção e Entrega) que enviou o nosso companheiro outra vez para as masmorras do Estado após três anos e meio de liberdade.

Depois de um ano e meio de clandestinidade, Gabriel foi detido no passado 25 de janeiro em território português a raiz da nomeada OEDE, emitida pelo Julgado nº 2 de Girona (em concreto pela juíza Mercedes Alcazár Navarro), com a intenção de fazer cumprir outros 16 anos de prisão computados como pena residual (resposta à denúncia de prevaricação contra a juíza por ter agachado a ordem de excarcelação imediata de Gabriel em junho de 2016, o que demorou a sua posta em liberdade. Essa juíza começou a sua própria vingança!).

Após três meses e meio de prisão preventiva (meses durante os quais foi esclarecedora a submissão por parte do Estado português do Julgado nº 2 de Girona, e descarada a falta de aplicação das normas europeias que permitiriam a excarcelação do nosso companheiro), no 12 de maio, foi entregue às autoridades espanholas e encontra-se atualmente na prisão de Badajoz (Estremadura).

A petição de nulidade da OEDE foi legitimada pela ilegalidade da mesma, emitida em plena violação do “princípio de especialidade”: um dos princípios básicos do direito comunitário que estabelece a proibição de fazer cumprir uma sentença an-

terior àquela pela qual está-se a ser extraditado (em virtude deste princípio Gabriel foi posto em liberdade em 2016 não tendo de cumprir já nenhuma outra sentença anterior). Politicamente significativo é que a Audiência Provincial, que faz dias deu a razão à juíza Navarro, é a mesma que há quatro anos lhe deu a razão ao nosso companheiro confirmando a sua excarcelação.

Enquanto a Gabriel aplicaram-lhe o regime FIES, concretamente FIES 5, criado para presos com “características especiais” (que têm a ver, para citar uns exemplos, com delinquência internacional, violência de género ou com carácter racista ou xenófobo, delitos muito graves que causaram grande alarme social, terrorismo islamista, fanatismo radical “afim à ideologia terrorista”...). Dentro do regime FIES aplicaram-lhe o 2º grau (poderia já aceder a benefícios penitenciários, desfrutar de permissos e inclusive da liberdade condicional), e a intervenção de todas as comunicações (cartas abertas, lidas e visitas gravadas).

Desde que se encontra no cárcere de Badajoz, à parte de 5 postais que lhe entregaram aos poucos dias da sua chegada, ao nosso companheiro não lhe entregaram nenhum tipo de correspondência, a pesar das muitas cartas e vários livros que se lhe têm

enviado... Nada novo baixo o sol do isolamento e da repressão! Todo isto representa uma contradição dirigida a provocá-lo... a mensagem é: “já não és o inimigo público número 1 mas és ainda bastante perigoso, sobretudo a nível ideológico... se te portas bem daremos-te algumas oportunidades”.

Agora que o “classificaram” e o tal tribunal emitiu a sua sentença, sabemos que se acabaram os recursos legais para que Gabriel possa voltar a saborear a liberdade em breve; dentro de não muito tempo será trasladado para outra prisão. O advogado fará todas as apelações necessárias até ganhar esta longa batalha.

Gabriel está bem e com força, como sempre... manda um grande abraço a todas as pessoas afins e solidárias.

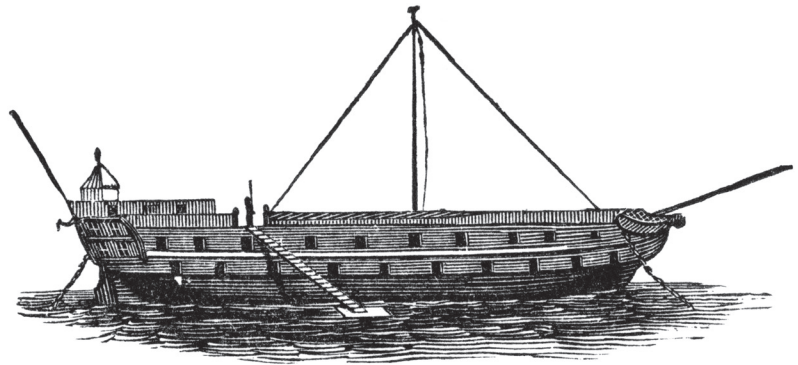
A solidariedade é uma arma... usemo-la... de maneira séria e inteligente! Liberdade para Gabriel! Companheiro, não estás só!

Todxs livres!

Viva a Anarquia!

Para escrever a Gabriel:

*Gabriel Pombo Da Silva
Centro Penitenciario Badajoz
Carretera de Olivenza, Km 7.3
06011 Badajoz
Espana*



Ardora
(s)edições anarquistas

ARDORAEDITORIA.INFO · ARDORA@BASTARDI.NET

COLAPSO
— | ZINES | —

COLAPSOZINES@RISEUP.NET